



GRANDES DESASTRES:

Quem está perto auxilia materialmente;
quem está longe, financeiramente

Foto: Adobe Stock

Guilherme Mattos de Abreu *

Em meio à fila de flagelados que se formou na barraca que distribuía comida, em determinado país da América Central, após a passagem do Furacão Mitch (outubro de 1998), uma mulher se destacava. Trajava um vestido de festa longo, azul brilhante, destoando sobremaneira dos demais. A situação excêntrica chamou a atenção de membros da Organização Mundial de Saúde (OMS), que dela se acercaram. A mulher cai em prantos, cabisbaixa: “– *Estoy demasiado gorda. Lo perdí todo. Ninguna ropa donada me queda bien. Solo este vestido. Me da vergüenza.*”

Os flagelados já estão em situação de grande fragilidade emocional. Por que razão os constranger ainda mais com situações vexatórias, desfazendo-se de material inservível, à guisa de caridade?

Este e outros casos surgiriam ao longo de uma semana dedicada ao tema “enfrentamento de emergências decorrentes de desastres naturais”, inserido na grade curricular da Classe XXXIX do Colégio Interamericano de Defesa (CID) (1999-2000), no primeiro semestre de 2000. Tão marcante foi a semana que, desde então, não houve

ano em que não me incomodasse com a ineficácia e a ineficiência sistêmicas que identifico na sociedade para o enfrentamento de tais adversidades, em diversos níveis, tanto individual quanto institucional; tanto doméstico quanto internacional. Sentimento aguçado com a tragédia que se abateu sobre o Rio Grande do Sul, este ano.

Trata-se de um assunto que era muito sensível no âmbito da Junta Interamericana de Defesa (JID). Em 1998, o Furacão Mitch assolara o Caribe, a América Central, parte do México e do Sul dos Estados Unidos, provocando enormes prejuízos e mais de onze mil mortes. Fora o mais devastador dos últimos duzentos anos. A própria JID se vira indiretamente afetada, visto que o programa de remoção de minas que liderava e se encontrava avançado na América Central seria prejudicado. A tragédia movimentara as minas, por vezes soterrando-as por metros de lama em local desconhecido, colocando em risco as populações locais.

Ainda em dezembro de 1999, o Estado de Vargas (hoje La Guaira), na Venezuela, fora atingido por chuvas torrenciais e inundações, provocan-

do deslizamentos de terra, causando a morte de dezenas de milhares de pessoas e a destruição de inúmeros imóveis, e levando ao colapso a infraestrutura local. Os nossos colegas venezuelanos se mobilizaram para acudir os seus compatriotas, encontrando dificuldades para identificar o que era necessário arrecadar, bem como para fazer chegar ao destino o material recolhido. Tivemos uma prévia aula prática do que ouviríamos exaustivamente durante as conferências naquela semana, no que se refere ao gerenciamento de doações, de doadores e de voluntários:

Quem está perto auxilia materialmente e fisicamente, pois consegue identificar as necessidades. Quem está longe, deve buscar auxiliar financeiramente, contribuindo para que os agentes estatais e instituições de confiança possam acudir de maneira logisticamente organizada.

A experiência dos cursantes e assessores era diversificada e, por certo, inúmeros exemplos de ordem prática surgiriam. Uma pesquisa nos jornais da época apontou que as residências dos integrantes das missões diplomáticas caribenhas e



Fotos: Adobe Stock



Foto: Flickr MB

da América Central creditadas em Washington ficavam repletas de material doado por ocasião dos desastres, que se repetiam a cada ano, para os quais não se tinha condições de arcar com os custos de remessa. Ou seja, as dificuldades para identificar o que era necessário, bem como para fazer chegar ao destino o material recolhido, que nossos companheiros venezuelanos experimentaram, também eram recorrentes.

A experiência de nosso colega da Força Aérea Argentina era de outro tipo. Nos contava que atravessara o Brasil com o seu Esquadrão de Helicópteros para combater incêndios florestais em Roraima, em 1998. O processo decisório demorara

tanto e a distância tão grande que quando chegou ao destino nada havia o que fazer. O caso chamava a atenção para a multiplicidade de aspectos que envolvem o tema, havendo oportunidades de amplo espectro – individuais e institucionais – a serem aproveitadas, mas também chance para oportunismos ineficientes, salvo quanto a aspectos midiáticos. No caso específico, os incêndios florestais em Roraima são cíclicos⁽¹⁾, despertando a atenção, a nosso juízo, segundo os interesses vigentes, mas não a ponto de justificar atuação internacional.

Aziz Nacib Ab'Sáber (1998)⁽²⁾ assinalou que os processos anormais de interferências climáticas e hidrológicas cíclicas criadas pelo *El Niño*, no espaço total da América Tropical, ocorre em intervalos de treze anos, aproximadamente. E que tem havido uma perda de memória sobre as múltiplas interferências climáticas e hidrológicas de *El Niño* no Brasil (AB'SÁBER, 1998):

“De tal maneira que as consequências catastróficas não são registradas ou transmitidas aos governantes que se sucedem no poder. E, assim, *El Niño* chega inesperadamente, afetando as mesmas regiões de sempre, porém em localidades e meses diversos. Nessas ocasiões radicalizantes, governantes e técnicos – pegos de surpresa – aceitam sugestões esdrúxulas de seus assessores; são pressionados por consultores e empreiteiras para obras caras e inúteis; e só conseguem alívio psicológico quando a própria natureza corrige o ritmo dos processos espasmódicos, fazendo cessar parte de suas consequências.”

Por oportuno, o problema da perda de memória apontado por Ab'Sáber está relacionado ao caso atual do Rio Grande do Sul, onde, alguns segmentos pleiteavam a destruição parcial do sistema de prevenção de enchentes de Porto Alegre, construído há algumas décadas, o qual consta que estava com manutenção deficiente, à luz de notícias que circulam.

Ao longo daquela semana abordou-se, ainda, aspectos relacionados à prevenção e gerenciamento das crises decorrentes de tais eventos adversos, inclusive no que se refere à coordenação de diver-

sas agências. Tivemos a noção de que não se tratavam apenas de catástrofes naturais, mas também podiam ser antrópicas (geradas pelo homem); que poderiam se tornar emergências complexas multifacetadas, combinando riscos e vulnerabilidades, assistência externa e intervenção civil-militar. Uma conclusão relevante fora que tais operações humanitárias, em última análise, eram operações logísticas, usualmente demandando recursos das Forças Armadas; e que, em alguns casos, financiar, liderar ou tomar parte de operações de ajuda humanitária tornara-se motivo de competição diplomática na arena internacional.

Tendo, mais adiante, a oportunidade de estudar o tema com maior profundidade, se pôde constatar que as catástrofes geravam migrações, configurando dramas de elevada magnitude ao longo da história da humanidade. Os grandes fluxos humanos contêm histórias de sofrimento, envolvendo não só os migrantes, mas também trazendo inúmeros problemas para os locais que os acolhiam.



Acima, Jornal *A Época*, de Caxias do Sul, em sua edição nº 130, de 11 de maio de 1941, dá conta da tragédia que se abateu pelo Rio Grande do Sul, naquele ano.

Fonte: BN Digital

Ainda que ampliar a abordagem nesta linha fuja ao escopo deste artigo, sabe-se que tais eventos podem ser usados como arma em uma confrontação, na medida em que se faz uso político dos famintos e se bloqueia o acesso do auxílio; manipulam-se os atores humanitários de modo a financiar a repressão; desviam-se ajudas financeiras; e se impõem condicionantes políticas para que a ajuda alcance os que dela necessitam. São as denominadas migrações coercitivas (GREENHILL, 2010).

No caso, Estados e agentes não estatais provocavam um êxodo em massa para criar problemas para um estado adversário, seja sobrecarregando a capacidade do país-alvo de acomodar um fluxo elevado de refugiados; facilitando o ingresso de terroristas; ou viabilizando uma chantagem política, relacionada a compromissos legais ou normativos, como aqueles referentes aos direitos humanos. As migrações voluntárias (induzidas) ou forçadas são conduzidas, portanto, com objetivos políticos, militares ou econômicos. Tais dinâmicas provocam um círculo vicioso, pois alimentam e prolongam os conflitos, o que resulta em mais operações de auxílio humanitário, bem como colocam em perigo os que atuam nelas. Tais ameaças fazem parte do cotidiano da humanidade, sob a forma de graves crises migratórias. Milhões de pessoas se movem, anualmente, para escapar da violência política, fome ou dos desastres ambientais, tornando-se refugiados ou deslocados internos (HOLLIFIELD, 2012).

Concluindo, em síntese, verifica-se que está se lidando com um tema de elevada complexidade, a demandar coordenação e racionalidade em diversos níveis, e que não escapa às ações oportunistas. Deve ter como base a prevenção, a começar pelo condicionamento do cidadão de modo a adotar comportamentos que minimizem riscos, ao sensibilizá-lo para as medidas preventivas e mitigadoras; bem como para que reajam adequadamente quando a calamidade se materialize.

É importante que, quando se configurar a emergência, seja em nível individual ou institucional, se comece pelo básico:

Quem está perto auxilia materialmente e fisicamente, pois consegue identificar as necessidades. Quem está longe, deve buscar auxiliar financeiramente, contribuindo para que os agentes estatais e instituições de confiança possam acudir de maneira logisticamente organizada. ■

NOTAS

(1) Aconteceram secas prolongadas em 1972, 1985, 1998 (AB'SÁBER (1998)) e 2016 (BRASIL, 2024), estando relacionados ao fenômeno *El Niño*.

(2) Aziz Nacib Ab'Sáber (1924-2012) foi um geógrafo e professor universitário brasileiro, de grande projeção. É considerado como referência em assuntos relacionados ao meio ambiente e a impactos ambientais decorrentes das atividades humanas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Guilherme. MIGRACIONES MASIVAS Y SUS IMPACTOS EN LA SEGURIDAD NACIONAL. In: Exposição on line, em 13OUT2020, por ocasião da XXI Conferência dos Colégios de Defesa Ibero-Americanos (XXI CDCDIA). Rio de Janeiro: ESG, 2020.

AB'SÁBER, Aziz. RORAIMA: os paradoxos de um grande incêndio ao fim do milênio. São Paulo: USP, Instituto de Estudos Avançados, 1998. Disponível: SciELO - Brasil - Roraima: os paradoxos de um grande incêndio ao fim do milênio. Acessado em 14MAI2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Programa Queimadas. Monitoramento de Focos Ativos por Estado. Disponível: Monitoramento dos Focos Ativos por Estado, Região ou Bioma - Programa Queimadas - INPE. Acessado: 15MAI2024.

GREENHILL, Kelly. WEAPONS OF MASS MIGRATION: forced displacement, coercion, and foreign policy. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2010.

HOLLIFIELD, James F. Why do states risk migration? In: IPSA'S WORLD CONGRESS OF POLITICAL SCIENCE, RESHAPING POWER, SHIFTING BOUNDARIES, 22., 2012. Madrid. Anais. Madrid: Espanha, 2012.

* Contra-Almirante (Ref°), Doutor em Ciências Navais pela Escola de Guerra Naval e Mestre em Segurança e Defesa pela Escola Superior de Guerra. Membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB) e colaborador do Centro de Estudos Político-Estratégicos da Marinha (CEPE-MB).